

## O silêncio: multiplicidade de sentidos

**Vânia Maria Rocha de Oliveira**<sup>1</sup>

**Valesca do Rosário Campista**<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo parte do pressuposto que a linguagem, tanto oral como escrita, pode ser considerada um fenômeno discursivo devido à sua função lingüística como expressão social apropriada pelo sujeito, expressão de seu próprio desejo inconsciente. A proposta desse artigo consiste, sobretudo, em abordar o silêncio como uma forma de linguagem singular, que diz respeito ao modo de organização subjetiva. Através de uma interlocução teórica da *Análise do Discurso* com a *Psicanálise* pretende-se, sobretudo, mostrar que é possível tratar do silêncio como singularidade. A referida interlocução evidencia que, a relação entre a produção de discurso – sujeitos que enunciam – e seus processos, se dão nos intervalos das formas de comunicação humana, as quais se situam para além do silêncio. Com base no referencial teórico destaca-se, segundo o pai da psicanálise, Sigmund Freud, a importância do silêncio, mais especificamente no que se refere à interpretação analítica.

### Introdução

*“Cintilante é a água em uma bacia; escura é a água no oceano.  
A pequena verdade tem palavras que são claras; a grande verdade tem grande silêncio”.*

Tagore, Pássaros errantes, CLXXVI

A palavra silêncio etimologicamente vem do latim *silentiu* e segundo Ferreira (1999) significa o estado de quem cala, privação de falar, sigilo, segredo. A partir

---

<sup>1</sup> Vânia Maria R. de Oliveira é Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). É professora do curso de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ). E-mail: [vmtatagiba@uol.com.br](mailto:vmtatagiba@uol.com.br).

<sup>2</sup> Valesca do R. Campista é Mestre em Psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É professora do curso de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ). E-mail: [valescacampista@viacabo.com.br](mailto:valescacampista@viacabo.com.br).

dessas definições pode-se notar que apesar do silêncio possuir um sentido universal referido à não emissão de sons, o dicionário também revela outro sentido, a saber, o da singularidade. Singularidade em psicanálise está diretamente relacionada à existência de um sujeito, o qual por motivos subjetivos, se recusa a fazer uso da linguagem.

A *Análise do Discurso* e a *Psicanálise* tornam-se relevantes, visto que ambas tratam do discurso, a primeira pelo viés da palavra como uma idéia em curso, de percurso, de movimento, que revela a palavra em movimento, prática de linguagem que se faz pelo sujeito falante. Já a segunda busca os sentidos do discurso sob o foco do inconsciente, o que significa decifrar os significantes<sup>3</sup> que atravessam o sujeito no seu estar no mundo, comunicando-se com o outro, em sua busca de inserção social. Podemos interrogar como o silêncio pode ser considerado um discurso se não há nele palavras. É pela via das referidas ciências que se pretende responder a esta questão.

### **1- Linguagem e análise do discurso**

A comunicação pode ser entendida como fenômeno social pela qual o sujeito busca relacionar-se uns com outros, sendo, portanto a linguagem instrumento privilegiado para tal fim. Segundo Sodré (2001)   a linguagem como mediadora que promove o acolhimento das diferenças e assegura a a o comunicativa entre sujeitos.

A linguagem propicia os sentidos, as normas, as regras compartilhadas pelos sujeitos que vivem em coletividade. Neste sentido, afirma Kristeva: "todas as práticas humanas são tipos de linguagem visto que têm a fun o de demarcar, de

---

<sup>3</sup> Termo da ling stica utilizado pelo psicanalista francês Jacques Lacan para se referir a um sentido inconsciente que pode ser atribuído a uma palavra.

significar, de comunicar” (1996:14). Tal perspectivava comunicacional e os diferentes gêneros (mídia, literatura, poética, etc.) constitui como foco de interesse para estudo e pesquisa da *Análise do Discurso*.

A *Análise do Discurso* surge como ramificação das ciências da linguagem. Propõe a estudar os diferentes campos da linguagem em seu aspecto mais dinâmico, articula sujeito, linguagem, sociedade e ideologia.

A ideologia em que os sujeitos se encontram atrelados, segundo Mussalim “predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais” (2001:113). Essa é uma das diferenças teóricas entre a *Análise do Discurso* de origem francesa e a americana também conhecida com anglo-saxã. Esta ultima “considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que sustenta a sustenta” (Ibidem).

O objeto privilegiado de estudo da *Análise de Discurso* é a linguagem. Conforme sinalizam autores como Mussalim (2000), Orlandi (2002), Pinto (2002) nos anos 60 ela constituir-se como espaço que se funda pela relação estabelecida entre três domínios disciplinares a *Lingüística*, o *Marxismo* e a *Psicanálise*.

Os pressupostos teóricos vão se inserir em uma das muitas concepções teóricas acerca da *Análise de Discurso*, sendo que a concepção eleita nestes últimos tempos, inclusive no Brasil, refere-se à visão da Escola Francesa. Esta concepção ao trabalhar o discurso em sua forma material e não abstrato como o concebe a *Lingüística*, busca a história, configurando uma forma lingüístico-cultural de analisar o(s) discurso(s).

As divergências de olhares teóricos sobre o discurso, se prendem às duas correntes da *Análise do Discurso* que se situam nas discussões contemporâneas,

ou seja, a *Análise do Discurso* francesa e a *Análise do Discurso* anglo-saxã, que privilegia a *Sociologia*.

Sintetizando essas divergências teóricas pode-se dizer que ambas trabalham a *Análise de Discurso* e que apresentam um elemento comum, que segundo Fiorin “diz respeito ao estudo das relações entre condições de produção dos discursos e seus processos de produção” (2000, p. 55). Cabe destacar que o discurso não existe fora dos contextos históricos e sócio-culturais.

Considerando os discursos e sua forma de produção, pode-se entender que o silêncio, como linguagem, também pode ser considerado um tipo de discurso que marca os sujeitos sociais produtores de sentidos. Em seus estudos Orlandi (2002) revela que o silêncio pode ser entendido por duas faces diferentes: a primeira é o silêncio “imposto”, ou seja, é colocado como uma forma de dominação em que o sujeito é excluído, ficando sem voz e sem sentido; o segundo é o silêncio “proposto”, isto é, se apresenta como uma forma de resistência, de defesa e proteção. O autor ainda aborda o silêncio a partir de uma falha na comunicação, na emissão do que se tem a intenção de comunicar e que é por ele denominada de ruptura. Estes diferentes modos de abordar o silêncio remetem aos sentidos do silêncio, presentes no não-dito e seus processos de constituição. É a *Análise do Discurso*, mediada pela categoria do silêncio que nesse artigo encontram-se as bases para articulação com o discurso da *Psicanálise*.

## **2- O discurso e a psicanálise**

Ao conceituar o *Inconsciente*, Freud (1915) altera a noção de sujeito aceita pela modernidade e promove com sua descoberta uma revolução no pensamento de seu tempo, na medida em que aponta para um sujeito clivado, entre o que é consciente e o que é inconsciente.

Freud (1900), em sua Primeira Tópica, apresenta três das principais características do sistema *Inconsciente* que o diferenciam do *Pré-Consciente* e *Consciente*. Como primeira característica, os processos Inconscientes são atemporais, ou seja, não são ordenados na perspectiva do tempo, pois não seguem uma cronologia nem sofrem alterações com a passagem do tempo. Segundo o autor, eles são regidos pelo processo primário de satisfação: “Estão sujeitos ao princípio do prazer” (Freud, 1915:192). Finalmente, os processos inconscientes são isentos de contradição mútua.

No mesmo texto de 1915 em que sistematiza suas descobertas sobre o *Inconsciente*, Freud distingue dois níveis de representação, as de coisa e as de palavra. A representação de coisa diz respeito ao *Inconsciente*, ou seja, caracteriza este como instância dos sinais visuais; enquanto a representação de palavra para Freud é essencialmente acústica. A relação entre ambas, representação de coisa e de palavra, caracteriza para Freud o sistema *Pré-Consciente/Consciente*, onde há associação de uma imagem verbal a uma imagem acústica.

A palavra traz em si a representação de “coisa própria” do *Inconsciente*, que associada à representação de palavra, do sistema Consciente permite a verbalização. É importante acrescentar que a representação de coisa não é a “coisa em si”, pois a mesma não é passível de tradução quando representada no inconsciente.

No *Inconsciente* a coisa é um complexo de *traço mnésico*<sup>4</sup> (sons, imagens), que quando associado à representação de palavra e aos restos da coisa (*Inconsciente*) se inscreve no sujeito pela falta, ou seja, pelo desejo<sup>5</sup>. A coisa em

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Freud para se referir à forma como os acontecimentos se inscrevem na memória.

<sup>5</sup> Na obra freudiana desejo refere-se a traços, signos inconsciente, ligados às vivências primárias de satisfação como elementos de linguagem. Em Lacan a noção de desejo “nasce da defasagem

si não se pronuncia, a função da palavra é evocar a própria coisa, ou seja, a coisa ausente e sendo assim o indizível se inscreve no sujeito pela linguagem.

O *Inconsciente* para Freud é a instância psíquica formada por idéias recalçadas<sup>6</sup>, que apontam um lado desconhecido do sujeito, registro de experiências não simbolizadas, mas que surgem como representantes – significantes, signos - de desejo. É a partir de Lacan que o desejo na psicanálise passa a ser concebido como linguagem. Lacan (1953/1998) considera que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes, que está latente e se repete, interferindo no discurso, como se este estivesse, a todo o momento, atravessado pelo inconsciente e pelo discurso do outro. Segundo Lacan:

Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho (Lacan, 1953/1998:252).

No instante que fala da “associação livre” como uma técnica que se funda, no discurso do sujeito em análise, Freud (1923:256) demonstra o papel da linguagem livre, do controle do consciente e comenta que “a psicanálise é a arte da interpretação”, na medida em que ao interpretar, o psicanalista re-significa o que o sujeito verbaliza, silencia, indica por desconhecer, por intermédio das associações livres.

O inconsciente se refere ao desconhecido, ao estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do outro em relação ao qual o sujeito se

---

entre a necessidade e a demanda [...] é irredutível à demanda na medida em que procura impor-se sem levar em conta a linguagem e o inconsciente do outro, e exige absolutamente ser reconhecido por ele” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998:114).

<sup>6</sup> Condição em que ficam dada a operação de recalque pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas à pulsão. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998:512).

define. Neste sentido o sujeito é representação, estando na ordem da linguagem como sinaliza Lacan.

O sujeito falante que se faz significante do outro, no discurso lacaniano, é o sujeito da linguagem, que faz do discurso o lugar de suas supostas verdades, traduzindo muitas vezes nos lapsos do silêncio indicador de sentidos. Para a Psicanálise o silêncio é tradutor de mensagens do inconsciente e para a análise de discurso é o lugar da palavra, vazio, repleto de sentidos. Atribuir significado ao silêncio é ir além da representação, simbolizando imagens que a memória gravou e inseriu na estrutura psíquica dos sujeitos.

### **3- O discurso mediado pelo silêncio**

Ao abordar a linguagem Merleau-Ponty ressalta que “se é a relação lateral do signo como o signo que torna ambos os significantes, o sentido só aparece na intersecção e como que no intervalo das palavras” (1985:70). Esta referência ao silêncio como categoria do discurso, faz do não-dito, o lugar da palavra que não foi verbalizada, mas está ali para ser desvelada pelo olhar interpretante do outro.

O silêncio como categoria fundante da linguagem é a matéria significante por excelência e neste sentido, para Orlandi “o silêncio é o real do discurso” (1997:89), ou seja, um continuum significante.

É no processo de significação livre de repressões conscientes que o discurso psicanalítico atua. A psicanálise, como aponta Laplanche e Pontalis (1998):

...é um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito [...] especificada pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo.

[...] um conjunto de teorias em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (Laplanche e Pontalis, 1998:384-5).

A psicanálise como método de análise e interpretação favorece a compreensão das relações humanas, assim como a *Análise do Discurso*.

No que se refere ao lugar do silêncio na psicanálise bem como da *Análise do Discurso* pode-se afirmar que ele não possui um sentido próprio, mas aponta para os múltiplos sentidos. Como destacou Lacan, “o silêncio toma todo o seu valor de silêncio, não é simplesmente negativo, mas vale como além da palavra” (1954:322). O silêncio é um dizer que faz surgir um sentido, a saber, na pausa, nos intervalos, nas reticências.

O sentido que se revela no silêncio diz respeito a um contexto, o qual atualiza a história do sujeito. Para a psicanálise esse contexto é o da análise, onde o silêncio anuncia o discurso do inconsciente. Freud enfatiza em suas conferências e ensaios que ele segue um método, cuja metodologia está presente não somente em seus escritos, como também em sua clínica fundada na escuta e intervenções junto ao analisado, particularmente quanto à interpretação:

Constituiu um triunfo para a arte interpretativa da psicanálise, conseguir demonstrar que certos atos psíquicos comuns de pessoas normais, para os quais ninguém havia até então buscado apresentar explicação psicológica, deveriam ser considerados sob o mesmo ângulo que os sintomas dos neuróticos, isto é, que tinham um significado, desconhecido do sujeito, mas capaz de ser facilmente descoberto pelos meios analíticos (Freud, 1923 [1922]: 257).

Assim o papel do analista é de fundamental importância como decodificador desses sinais, fragmentos que surgem no fluxo do discurso como repetições,



metonímias, metáforas, reticências, pontuações, pausas, e outros que são o material disponível à interpretação psicanalítica.

Na análise é necessário um interlocutor, alguém "...pelo simples fato de estar presente e escutar, esse homem que fala dirige-se a ele [...]. O que ele diz, com efeito, pode não ter nenhum sentido, mas o que ele lhe diz contém um sentido"(Lacan, 1936/1998:88).

Winnicott (1963/1990:171) ao falar da "comunicação e falta de comunicação" ressalta que há algo de não comunicável "um núcleo da personalidade que corresponde ao eu verdadeiro" e que merece ser respeitado e preservado como comunicação silenciosa.

Na prática há algo que precisamos deixar para o nosso trabalho, a não-comunicação do paciente como uma contribuição positiva. Devemos nos perguntar se nossa técnica permite ao paciente comunicar que ele ou ela não está se comunicando. Para isso acontecer, nós analistas, precisamos estar pronto para o sinal: "não estou me comunicando", e sermos capazes de distingui-lo do sinal de tensão associado ao fracasso na comunicação (Ibid, p.171).

Isso implica em reconhecer que a linguagem do silêncio pode ser escrita não na ausência sonora, e sim no movimento ruidoso. "O silêncio não é vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do "vazio" da linguagem como horizonte e não como falta"(Orlandi, 1997:70).

O silêncio como experiência de estar só, envolto consigo mesmo, como criança que ao se encantar com seu mundo mágico, em suas brincadeiras, se deixa guiar pela magia silenciosa de sua "capacidade de estar só" (Winnicott, 1958/1990), mas

não isolada ou solitária, mas com a capacidade que só poucos conseguem ter de se concentrar em uma tarefa, silenciosamente, sem, portanto estar silenciada.

#### **4- O silêncio anuncia o sujeito**

O silêncio apresenta-se das mais variadas formas, ao inserir-se no discurso psicanalítico pelos lapsos deixados na relação analista-paciente como vimos anteriormente. Para Nasio, há três faces neste discurso, sendo que a primeira delas, se dá pela surpresa, “que é como o aparecimento de uma formação do inconsciente, ou mesmo de uma palavra de verdade que nomeia e separa o que estava confundido” (1989:108).

Existe também uma segunda forma de parada silenciosa, entendida como uma cristalização, que paralisa os trajetos do desejo e o imobiliza no lugar do objeto<sup>7</sup>.

Já uma terceira forma de “parada” se dá como ruptura no instante em que um objeto real é atravessado no discurso, quebrando a relação e deslocando o silêncio do analista. Percebe-se assim, que o silêncio é também o lugar do desejo que vai sendo tecido, aquele que não se antecipa pela lógica imediata do racional, mas se desvela pelas forças pulsionais<sup>8</sup>, em silêncio-espera.

O silêncio é, portanto, o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia, em imaginação.

---

<sup>7</sup> Esse termo deve ser entendido no sentido psicanalítico, a saber, não como uma coisa determinada e sim estruturado sobre a base de uma rede de significante.

<sup>8</sup> Conceito elaborado por Freud e retomado por Lacan para se referir ao modo pelo qual a sexualidade comparece na vida psíquica.

Orlandi afirma que “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem” (1997, p. 31). O silêncio significa e re-significa de outras formas, pois o silêncio não é transparência, ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa.

### **5- Considerações Finais**

Articular a *Análise do Discurso* e a *Psicanálise* para tratar do silêncio enquanto linguagem não foi uma tarefa fácil. O terreno se mostrou, a princípio, arenoso e movediço, entretanto tornou-se um desafio, visto que a complexidade do discurso psicanalítico, assim como a mudez do sujeito, traduz-se como elemento fundamental da linguagem humana.

Esse estudo mostrou como o silêncio pode ser escutado como uma linguagem. Na psicanálise nota-se como o silêncio favorece uma escuta clínica, onde o sujeito ao ocultar palavras revela o inconsciente e conseqüentemente sua singularidade. A *Análise do Discurso*, por sua vez, introduz a dimensão do contexto histórico, traduzindo o silêncio como manifestação do sujeito no sentido do submeter, do revelar, do transgredir.

O silêncio é sempre o lugar da palavra abortada pelo indizível, mas que está latente nos vãos do discurso, nos seus intervalos e pausas, no apelo da mudez por significados.

No discurso psicanalítico o silêncio e a imagem falam mais do que mil palavras porque são os espaços nos quais o inconsciente se revela e se desvela em sentidos, sintomas, índices que em seu contexto silencioso refletem o sujeito e suas possibilidades múltiplas de sentidos.

O silêncio em seus muitos sentidos pode se fazer vida ou morte, alegria ou tristeza, parada ou isolamento, mas será infinitamente o lugar do mistério da palavra que não se fez disfarce e que, por total falta de tradução, permaneceu ausente, aberta a infinitos sentidos.

A discussão que aqui foi tecida sobre o silêncio é importante, sobretudo no que se refere ao trabalho clínico, a dimensão do sintoma e as possibilidades de escuta da singularidade de cada um.

## Referências

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio: século XXI*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (1999).

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 7ª edição. São Paulo: Ática. (2000).

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900[1901])*. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IV e V.

\_\_\_\_\_. *O inconsciente (1915)*. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.

\_\_\_\_\_. *Dois verbetes de enciclopédia (1923 [1922])*. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII.

KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Trad. de Maria Margarida Barahona Lisboa: Edições 70. Coleção Signos, 1996.

LACAN, J. *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. *Vocabulário da Psicanálise*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAFFESOLI, M. *O mundo imaginal (cap.3)*. In: **A contemplação do mundo**. Trad. de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito: seguido de a linguagem indireta e as vozes do silêncio; A dúvida de Cézanne*. Trad. de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Análise do Discurso (cap.4)*. In: **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

NASIO, J. *O silêncio entre o ato e a palavra (cap.3)*. In: **O silêncio em psicanálise**. Tradução: Martha Prada e Silva. São Paulo: Papyrus, 1989.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª edição. São Paulo: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4ª edição. São Paulo: Pontes, 2002.

PINTO, M. J. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. 2ª edição. São Paulo: Hacker, 2002.

SANTAELLA, L. e NOTH, W. *Semiótica da imagem (cap.II)*. In: **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. 2ª edição. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SODRÉ, M. *Reinventando a cultura: A comunicação e seus produtos*. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. de Irinéia Constantino Schuh Ortiz. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.